



IMPLICAÇÕES SOCIOAFETIVAS DA GENTRIFICAÇÃO PARA A POPULAÇÃO IDOSA: DILEMAS NA MANUTENÇÃO E REFORMA DOS ESPAÇOS SOCIAIS

Patricia Costa Lima Tierno¹

Ricardo Tierno²

Dante Ogassavara³

Thais da Silva-Ferreira⁴

Jeniffer Ferreira-Costa⁵

Ana Paula Santos Soares de Paula⁶

José Maria Montiel⁷

¹ Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil. pati.tierno@hotmail.com; <https://orcid.org/0009-0007-9871-5993>

² Engenheiro Civil. Mestre em Construção Civil. Doutorando em Engenharia Civil e Ambiental, do Programa de Saneamento Ambiental da Universidade Estadual Paulista em Bauru (UNESP), Bauru, SP, Brasil. cjf.jeniffer@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0007-9871-5993>

³ Psicólogo. Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Docente do curso de Psicologia na Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil. ogassavara.d@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2842-7415>

⁴ Psicóloga. Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Docente do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP, Brasil. thais.sil.fe@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9826-3428>

⁵ Psicóloga. Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Docente do curso de Psicologia na Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil. cjf.jeniffer@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-6281-7970>

⁶ Advogada. Graduada em Letras e em Direito. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, SP, Brasil. anapaulasoaresadvogada@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0005-6130-9049>

⁷ Psicólogo. Mestre e Doutor em Psicologia. Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu/Instituto Anima, São Paulo, SP, Brasil. montieljm@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0182-4581>

Resumo: A gentrificação é compreendida na requalificação de áreas urbanas nos quais impactam o cotidiano da população local. Mediante a isso, objetivou de refletir sobre os impactos da gentrificação sobre a população idosa nos centros urbanos, com ênfase nas consequências socioemocionais e no agravamento do isolamento social. Notou-se que esse fenômeno afeta diretamente a permanência e a qualidade de vida das pessoas idosas devido a modificação do espaço urbano e social, rompendo vínculos afetivos e podendo comprometer a autonomia funcional dos moradores idosos. Ainda, ressalta-se que a exclusão simbólica ocasionada pela gentrificação pode intensificar os sentimentos de não pertencimento e as perdas de redes de apoio comunitário, ocasionando vulnerabilidades a pessoa idosa. Concluiu-se que a gentrificação deve ser avaliada sob a ótica multidimensional e políticas urbanas com enfoque na proteção da permanência, no fortalecimento das redes sociais e na valorização das histórias construídas nos territórios são essenciais.

Palavras-chave: Envelhecimento; Saúde coletiva; Psicologia ambiental; Gentrificação.

SOCIO-AFFECTIVE IMPLICATIONS OF GENTRIFICATION FOR THE ELDERLY POPULATION: DILEMMAS IN THE MAINTENANCE AND RENOVATION OF SOCIAL SPACES

Abstract: Gentrification involves the redevelopment of urban areas, which impacts the daily lives of the local population. With this in mind, aims to reflect on the impacts of gentrification on the elderly population in urban centers, with an emphasis on the socio-emotional consequences and the worsening of social isolation. It was noted that this phenomenon directly affects the permanence and quality of life of older people due to changes in urban and social space, breaking emotional ties and potentially compromising the functional autonomy of older residents. Furthermore, it is emphasized that the symbolic exclusion caused by gentrification can intensify feelings of not belonging and the loss of community support networks, causing vulnerabilities for the elderly. It was concluded that gentrification should be evaluated from a multidimensional perspective and that urban policies focused on protecting permanence, strengthening social networks, and valuing the histories built in these territories are essential.

Keywords: Aging; Public health; Environmental psychology; Gentrification.

1 Introdução

O conceito de gentrificação remete à requalificação de áreas urbanas centrais que, embora melhore a infraestrutura local, também instiga o deslocamento de moradores antigos devido ao aumento do custo de vida acompanhada com a valorização imobiliária no qual não acompanha a renda da população (Furtado, 2014). A gentrificação está diretamente associada a questões econômicas pautadas em propostas de "revitalização" que acarretam a exclusão de indivíduos que habitavam nestes espaços originalmente, ocasionando o processo de suburbanização enquanto o movimento de expansão das zonas periféricas de centros urbanos (Mendes, 2011, Gevehr; Berti, 2017).

Convergentemente à gentrificação, destaca-se que o envelhecimento populacional é um fenômeno de larga escala que dispõe uma alteração na composição demográfica das nações. Neste processo, o volume da população idosa em relação à população total é elevado. Então urge uma maior necessidade de seguridade social, tendo em vista a vulnerabilidade associada ao envelhecimento humano (Ferreira-Costa *et al.*, 2024). Porém, a elevação da expectativa de vida demanda o atendimento das novas necessidades da população e o enfrentamento dos desafios imposto para garantir a seguridade social, sendo uma das questões centrais a serem consideradas no planejamento urbano e social (Lopes; Martorelli; Vieira; 2021).

Visto que a alteração da composição demográfica exige não apenas a adaptação das cidades em termos de acessibilidade, mobilidade e serviços de saúde (Barreto, 2012), mas também uma atenção especial às dimensões subjetivas da velhice, como o pertencimento, a segurança emocional e a manutenção das redes de apoio, ressaltando a intrínseca relação entre os indivíduos e seu meio (Morais, 2017).

Entende-se que devem ser observados os efeitos da gentrificação sobre a população idosa ao agravar alguns dos riscos já condicionados para este grupo vulnerável, especialmente, ao reconhecer as relações afetivas estabelecidas com o lar, os espaços físicos e simbólicos, assim como as disposições socioeconômicas que circundam os indivíduos. Comumente, as pessoas idosas se mantêm em bairros que foram transformados por vínculos afetivos que foram estabelecidos ao longo da sua habitação e por limitações financeiras que podem não possibilitar a manutenção com os custos de novos imóveis ou aluguéis, sendo permeado então por características sociodemográficas, sentimentos de pertencimento e habituação. No entanto, à medida que o bairro se transforma, pode ocorrer dos moradores não se identificarem com o espaço que veem com possibilidade de aumento do sentimento de não pertencimento (Domínguez-Parraga, 2020).

Discute-se, amplamente, acerca dos impactos socioeconômicos da gentrificação. Todavia a condição da população idosa sequer é considerada nas discussões acerca do direito à cidade. Mediante a este cenário, urge questionamentos sobre as consequências desse fenômeno em face da velhice, principalmente no que diz respeito ao isolamento social, sendo uma condição reconhecida como fator de risco para o adoecimento físico e psicológico. Com isso, o problema de pesquisa que norteou esta pesquisa foi: "Como o processo de gentrificação contribui para o isolamento social da população idosa nas áreas urbanas?". Teve-se o objetivo de refletir sobre os impactos da gentrificação na vida de pessoas idosas com enfoque na

experiência de isolamento social decorrente da perda de vínculos com a comunidade e com o território, especialmente nos grandes centros urbanos.

2 Metodologia

Diante do objetivo estabelecido, propôs-se a realizar uma pesquisa descritiva, transversal e qualitativa, sendo caracterizada enquanto uma pesquisa bibliográfica. Especificamente, consiste em uma revisão de literatura narrativa. O estudo recorreu a estudos em formato de artigos em periódicos, teses e dissertação disponíveis em repositórios institucionais sem a delimitação de um tempo, ao permitir que obras clássicas também fossem incluídas para análise. A captação de materiais científicos foi realizada utilizando os descritores “Envelhecimento”, “Saúde coletiva”, “Psicologia ambiental” e “Gentrificação”, separados e combinados, em plataformas de pesquisa como Google Acadêmico e SciELO.

3 Resultados e Discussão

3.1 *Conjunturas e pretextos da gentrificação*

O desenvolvimento urbano é marcado por constantes padronizações e transformações da cidade, onde nada permanece inalterado. Nesse cenário, o fenômeno de gentrificação precisa ser compreendido tanto por causas estruturais, como os aspectos mercadológicos, a especulação imobiliária e a desigualdade social, quanto por contextos históricos específicos, como os de cada cidade, bairro ou período. Trata-se de um processo de revalorização imobiliária de áreas centrais ou periféricas antes degradadas, acompanhado pela expulsão indireta de moradores de baixa renda, pela mudança no perfil comercial e pela transformação do tecido social urbano (Smith, 2007; Furtado, 2014).

A gentrificação é condicionada por conjunturas alternativas à dinâmica existente para a oferta dos serviços e comércios locais, reestruturando os espaços populares acessados por estabelecimentos direcionados à prestação de serviços à população que apresentam maior poder aquisitivo do que antes ali transitava (Bataller, 2012). Nisto, a vivência coletiva de pessoas idosas pode ser prejudicada ao apresentarem rendimentos fixos e limitados. O novo perfil social dos bairros requalificados nem sempre inclui ou acolhe os idosos da classe social que residia

nos contextos, promovendo a exclusão simbólica e concreta destes grupos sociais (Marco; Santos; Möller, 2020; Dahlberg, 2019). Portanto, trata-se de uma forma de microagressão ao apresentar pouca visibilidade na violência social efetivada, enfraquecendo os vínculos comunitários e fragilizando a saúde mental de uma população já vulnerável (Williams, 2020).

A gentrificação, muitas vezes apresentada sob o discurso de “revitalização urbana” ou “modernização do espaço público”, é marcada pela ação de diferentes agentes: Estado, setor privado e classe média emergente, que, ao investirem em melhorias urbanísticas, provocam o aumento do custo de vida local (Ribeiro, 2018; Lauriano, 2015). Esse aumento torna insustentável a permanência de antigos moradores, que são obrigados a se deslocar para áreas mais afastadas e com infraestrutura menos desenvolvida (Mourad, 2011).

Ainda que a gentrificação possa ser impulsionada pelo turismo, com a valorização de determinadas áreas e a reabilitação de prédios antes desocupados, esse processo também pode acarretar efeitos negativos, como a expulsão de moradores vulneráveis e fechamento de comércios locais e lojas históricas. Barbosa e Lopes (2019) atentam sobre as transformações no mundo do trabalho dessas regiões ao destacar o crescimento da demanda por imóveis voltados a estadias temporárias, o que fomenta um novo nicho no mercado. No entanto, essa dinâmica pode estimular o mercado informal, com possível falta de regulamentação e direitos do trabalhador.

3.2 Agravos na funcionalidade e autonomia de pessoas idosas decorrentes da gentrificação

O impacto da gentrificação não se resume à mudança de endereço, ela implica em rompimentos afetivos dos antigos moradores. No estudo de López, Rodríguez e Escapa (2022), foi observado o sentimento de tristeza associado à perda de algo querido e valioso. No que remete à população idosa, destaca-se que tal alteração implica no declínio da autonomia e a percepção de apropriação por parte de pessoas com maior renda daquilo que antes era um bem comum da comunidade.

À medida em que a cidade é transformada sem considerar a população que nela habita, há uma ruptura da continuidade da vida cotidiana. Essa ruptura é sentida de forma ainda mais intensa pela população idosa, cujo vínculo com o território é, em geral, construído ao longo de décadas. Para a pessoa idosa, a moradia e o entorno não representam apenas abrigo ou conveniência, são lugares carregados de sentido, com valor afetivo e histórico. O território

habitado por anos contribui para a construção da identidade, da segurança emocional e da autonomia. O território é onde se tem a base do trabalho, do lar, das trocas materiais, da expressão de sua religião, dos vizinhos amigos, e da vida ali vivida (Demétrio; Barbosa, 2016; Burns; Lavoie; Rose, 2012).

O deslocamento territorial provocado impacta de forma aguda a população idosa. Quando os idosos são excluídos de seus bairros, perdem não apenas um endereço, mas um conjunto de vínculos que sustentam sua vida cotidiana. O novo local, geralmente mais afastado, pode não oferecer a mesma infraestrutura ou acessibilidade, tornando mais difícil o acesso a serviços básicos, lazer, saúde e convivência comunitária (Lager; Hoven; Huigen, 2013). Quando não ocorre a expulsão física do morador, pode resultar na expulsão simbólica, quando o idoso permanece no bairro, mas vê seu entorno se transformando em um espaço que ele já não reconhece. Mesmo quando identifica contribuições positivas, há a preocupação com a substituição de estabelecimentos tradicionais por empreendimento elitizados, chegada de novos moradores com práticas diferentes e a modificação dos espaços públicos, sendo estes elementos que alimentam o sentimento de não pertencimento. O bairro, antes familiar, torna-se hostil e direcionado há uma população mais jovem (Santos *et al.*, 2023).

As barreiras impostas aos idosos para acessar aos serviços de saúde, como transporte inadequado, mobilidade reduzida e distância dos centros de atendimento se tornam ainda mais expressivos quando há deslocamento residencial forçado, contribuindo para o agravamento de condições clínicas pré-existentes e para a dificuldade em manter o acompanhamento médico. A diminuição da funcionalidade física e da autonomia, por sua vez, compromete a realização de atividades essenciais do cotidiano, afetando diretamente a independência e o bem-estar (Nogueira *et al.*, 2023).

A permanência nos territórios conhecidos reduz os riscos de desorientação, acidentes e perdas de autonomia. Além disso, são em tais espaços nos quais se constroem as redes de sociabilidade fundamentais para o bem-estar emocional. O afastamento desses territórios pode representar uma ruptura drástica, sobretudo quando imposta por fatores externos como a gentrificação. A literatura aponta que o sentimento de pertencimento é crucial na velhice. Ele está diretamente relacionado ao senso de continuidade, estabilidade e controle sobre a própria vida. Em contrapartida, a transformação acelerada do bairro de origem pode provocar a sensação de estranhamento e exclusão. Para muitos idosos, o bairro é o último elo entre eles e o mundo social, onde dependem cada vez mais de seus vizinhos para ter apoio social, e quando

esse elo se rompe, o risco de isolamento social se intensifica (Burns; Lavoie; Rose, 2012; Lager; Hoven; Huigen, 2013; Dahlberg, 2019; Santos *et al.*, 2024).

3.3 Disposições socioemocionais da pessoa idosa meio à gentrificação

Ao tratar do envelhecimento e a qualidade de vida deste grupo etário é enfatizada a importância das relações sociais para o bem-estar físico, cognitivo e emocional (Bezerra, Nunes, Moura, 2021). Smith (2018) e Crewe (2017) evidenciam que a gentrificação tem gerado efeitos concretos sobre a saúde mental de idosos, associando-se ao aumento de sintomas depressivos, sentimentos de ansiedade e solidão. Essa realidade é sentida tanto por idosos de baixa renda quanto pelos de alta renda que habitam áreas em processo de transformação. A insegurança habitacional e o sentimento de exclusão social atuam como gatilhos para o sofrimento psíquico, o que pode comprometer a saúde e a qualidade de vida.

Carneiro et al. (2007) apontam que componentes como capacidade funcional, estado emocional, interação social, atividade intelectual e autoproteção da saúde estão diretamente ligados à percepção de qualidade de vida na velhice. A ausência ou fragilidade dessas relações converge ao aumento de quadros depressivos e a perda de autonomia. Os autores acrescentam que a pobreza de vínculos sociais é considerada tão prejudicial à saúde quanto fatores como tabagismo, obesidade e inatividade física, pois contribui diretamente para o declínio cognitivo e emocional dos idosos.

A realocação forçada, comum nos processos de reestruturação urbana, muitas vezes desloca moradores idosos para regiões mais distantes ou desprovidas de infraestrutura adequada. Henig (1981) já havia demonstrado que áreas com maior concentração de aposentados tendem a sofrer mais intensamente os impactos da imigração profissional de classes mais jovens e abastadas, o que leva à emigração dos idosos. Petrovic (2007) também destaca que os idosos enfrentam, ao longo de todo o processo de gentrificação, sentimentos de negligência, aprisionamento, invisibilidade e perda, sem que suas vozes sejam consideradas nas decisões políticas e urbanísticas. A autora defende a necessidade de um planejamento urbano que priorize os direitos da população idosa e proteja sua permanência nos territórios onde construíram vínculos, histórias e rotinas.

Nesse contexto, o isolamento social, não é apenas o resultado da perda de contatos ocasionais, mas da ruptura com redes construídas ao longo da vida, comprometendo o senso de

pertencimento e o suporte emocional do idoso (Paço, 2016). A Organização Mundial da Saúde (2015) reconhece o isolamento como fator de risco significativo para a saúde na velhice, estando associado a condições como depressão, ansiedade, comprometimento cognitivo e até mortalidade precoce. A gentrificação, ao transformar rapidamente os bairros e deslocar pessoas idosas ou, ao mantê-las em locais onde já não reconhecem a dinâmica comunitária, potencializam o sofrimento psíquico (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2015).

Os idosos que vivem em áreas afetadas por processos de gentrificação, tanto aqueles que estão em vulnerabilidade quanto os que são alta renda, apresentam maiores índices de sintomas depressivos, ansiedade e pior autoavaliação de saúde mental em comparação a residentes de bairros que não estão passando pelo mesmo processo (Smith; Lehning; Kim, 2018). O sentimento de perda de identidade territorial, somado à pressão para deixar o lar e às dificuldades de adaptação a novas vizinhanças, acarreta sofrimento emocional significativo. A gentrificação, nesse sentido, funciona como um processo seletivo, no qual aqueles que não se enquadram no novo perfil econômico ou estético da região são deslocados ou invisibilizados (Crewe, 2017; Fonseca De Abreu Rangel, 2015).

A transição dos espaços físicos e simbólicos, mesmo sem mudança de endereço, tende a afetar a autonomia da pessoa idosa, proporcionando condições menos favoráveis para a vivência afetiva do indivíduo ao ser observada a ampliação do tempo de reclusão e intensificação sentimentos de solidão, desamparo e até luto. Além disso, no caso de necessitarem deixar suas casas, enfrentam o desgaste físico e emocional no processo de mudança e, muitas vezes, com possibilidade de perda ou diminuição da independência que pode passar a depender de familiares (López; Rodríguez; Escapa, 2022; Lager; Hoven; Huigen, 2013).

Assim, a gentrificação altera profundamente as condições que sustentam a qualidade de vida na velhice, principalmente ao romper as redes sociais e afetivas que protegem contra o adoecimento mental. A exclusão silenciosa da população vulnerável das paisagens urbanas contemporâneas, muitas vezes motivada por interesses econômicos (PAES, 2017), evidencia a urgência de práticas urbanas que promovam o envelhecimento digno, com respeito à permanência, à memória e à diversidade etária no espaço urbano.

4 Considerações Finais

O processo de gentrificação, embora visto como um movimento de requalificação urbana, tem se revelado um fenômeno que não se limita apenas a mudança do aspecto urbano, mas também pode mudar de modo significativo a vida das pessoas habitantes da região a ser requalificada, especialmente as pessoas idosas. O impacto desse processo pode desestruturar os vínculos afetivos, sociais e comunitários, essenciais para a qualidade de vida na velhice, mesmo que esse processo também traga pontos positivos para o bairro renovado. A gentrificação é um processo seletivo e excludente, que atua silenciosamente na marginalização das pessoas idosas. Não se trata apenas da remoção física, mas também da expulsão simbólica dos espaços urbanos, transformando os idosos em sujeitos invisíveis nas novas paisagens das cidades.

Ressalta-se que a propostas de manutenção, reforma e revitalização dos meios sociais são transversais às complexas redes multifatoriais que dispõe sobre a vida dos grupos e o equilíbrio dos sistemas. Entende-se que os desfechos concretizados pelas reformas e revitalizações são observados posteriormente a efetivação de tais práticas e que a delimitação de tais obras deve ser considerar a adequação dos projetos em face da realidade socioeconômica estabelecida, buscando respeitar os grupos sociais já estabelecidos e atentar para as vulnerabilidades dos estratos sociais afetados.

O impacto da gentrificação não pode ser analisado apenas sob a ótica da transformação urbana, sendo necessário compreender que esse fenômeno altera determinadas condições que podem ser consideradas fundamentais para a manutenção da qualidade de vida da pessoa idosa, como as relações sociais, o sentimento de pertencimento e a continuidade das rotinas. A ruptura desses elementos essenciais favorece o adoecimento psíquico e compromete a autonomia funcional. Refletir sobre esses impactos é fundamental para repensar na forma como o envelhecimento é vivenciado nos centros urbanos contemporâneos. A qualidade de vida na velhice está intrinsecamente ligada à permanência em locais de pertencimento, à manutenção das redes sociais e à continuidade das práticas cotidianas. Um idoso, que pode sofrer perdas de memória, com doenças como Alzheimer, põe exemplo, estando em um bairro já conhecido pode ter mais segurança em situações emergenciais.

A velhice é uma fase da vida em que o pertencimento, a estabilidade e o reconhecimento dos espaços cotidianos assumem um papel central para a manutenção da autonomia e do bem-estar. Nesse contexto, a moradia e o bairro são elementos estruturantes que carregam significados atribuídos, memórias e cargas afetivas. Uma vez que a associação entre a pessoa

com seu espaço de moradia se mostra como um elo de continuidade com a própria história de vida. Quando essa ligação é rompida, seja pelo deslocamento físico ou pela mudança simbólica do território, onde tudo ao redor se transforma sem que a pessoa idosa tenha participação nesse movimento, condiciona-se um sentimento de perda, insegurança e desorientação. A ausência de interação social pode ter efeitos tão prejudiciais quanto os principais fatores de risco à saúde, levando ao declínio cognitivo e emocional. Além disso, o deslocamento forçado para regiões periféricas ou mal estruturadas agrava os desafios já existentes, como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, visto a dificuldade que a pessoa idosa pode ter na mobilidade.

Conclui-se que em um processo de transformação urbana, deve-se identificar previamente o comportamento da população idosa daquela região, tentando, de alguma forma, preservar espaços importantes na socialização e respeitar as práticas culturais específicas de cada região. A gentrificação, ao reconfigurar espaços urbanos sem considerar suas dimensões humanas, compromete severamente a qualidade de vida dos idosos. Mais do que um processo econômico, a gentrificação revela-se como um fenômeno que potencializa o isolamento social, fragiliza a saúde mental e compromete a autonomia funcional daqueles que envelhecem nas cidades. Reconhecer essa realidade é essencial para construir sociedades que respeitem e valorizem todas as fases da vida humana, assegurando aos idosos não apenas o direito à moradia, mas o direito de permanecerem nos lugares onde suas histórias e suas vidas foram construídas.

Referências

- BARBOSA, Inês; LOPES, João Teixeira. Decodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto. **Sociologia**, Porto, v. 38, p. 6-29, dez. 2019
- BATALLER, Maria Alba Sargatal. O estudo da Gentrificação. **Revista Continentes (UFRRJ)**, ano 1, n. 1, 2012.
- BEZERRA, Patrícia Araújo; NUNES, José Walter; MOURA, Leides Barroso de Azevedo. Envelhecimento e isolamento social: uma revisão integrativa. **Acta Paul Enferm.** 34, 2021.
- BURNS, Victoria F.; LAVOIE, Jean-Pierre; ROSE, Damaris. Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people. **Journal of aging research**, v. 2012, n. 1, p. 148287, 2012.
- CARNEIRO, Rachel Shimba et al. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, p. 229-237, 2007.

CREWE, Sandra Edmonds. Aging and Gentrification: The Urban Experience. **Urban Social Work**, v. 1, n. 1, 2017.

DAHLBERG, Lena. Ageing in a changing place: A qualitative study of neighbourhood exclusion. **Ageing & Society**, v. 40, n. 10, p. 2238-2256, 2020.

DEMÉTRIO, Águida Meneses Valadares; BARBOSA, Rita Maria dos Santos Puga. Apego, afeto e territorialidade: elos entre o idoso e seu ambiente. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 7, n. 3, p. 29-44, 2016.

DOMÍNGUEZ-PARRAGA, Lidia. The effects of gentrification on the elderly: A case study in the city of Cáceres. **Social Sciences**, v. 9, n. 9, p. 154, 2020.

FERREIRA-COSTA, Jeniffer; CARVALHO, Amanda Azevedo; OGASSAVARA, Dante; SILVA-FERREIRA, Thais; MONTIEL, José Maria. Fronteiras entre a saúde e a doença no envelhecimento: o papel do suporte social. **Caleidoscópio**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1–6, 2024.

FONSECA DE ABREU RANGEL, Natalia. O esvaziamento do conceito de gentrificação como estratégia política. **Cadernos NAUI**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 39–57, 2015.

FURTADO, Carlos Ribeiro. Intervenção do Estado e (re)estruturação urbana. Um estudo sobre gentrificação. Dossiê: desenvolvimento desigual e gentrificação da cidade contemporânea, **Cad. Metropole**, 16 (32). 2014. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3203>

GEVEHR, Daniel Luciano; BERTI, Franciele. Gentrificação: uma discussão conceitual. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 5, n. 1, 2017.

HENIG, Jeffrey R. Gentrification and displacement of the elderly: An empirical analysis. **The Gerontologist**, v. 21, n. 1, p. 67-75, 1981.

LAGER, Debbie; VAN HOVEN, Bettina; HUIGEN, Paulus PP. Dealing with change in old age: Negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands. **Geoforum**, v. 50, p. 54-61, 2013.

LAURIANO, William. Gentrificação da cidade modernista: Brasília. **Cadernos Metrópole**, v. 17, n. 33, p. 155-178, 2015.

LOBANCO GONÇALVES, Antônio Carlos; GARCIA CICUTO CANDIDO, Ariane; BASSITT SILVA, Omar; MESSIAS BUENO, Silvia. Saúde e qualidade de vida do idoso. **Revista Corpus Hippocraticum**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2023.

LOPES, Dario Rais; MARTORELLI, Martha; VIEIRA, Aguiar Gonzaga. **Mobilidade urbana: conceito e planejamento no ambiente brasileiro**. Editora Appris, 2021.

LÓPEZ, Paco; RODRÍGUEZ, Aida C.; ESCAPA, Sandra. Psychosocial effects of gentrification on elderly people in Barcelona from the perspective of bereavement. **Emotion, space and society**, v. 43, p. 100880, 2022.

MAGDALA, Kátia Magdala Lima. **Envelhecimento, mobilidade urbana e saúde: um estudo da população idosa**. Fundação Oswaldo Cruz Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Doutorado em Saúde Pública. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2012barreto-kml.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MARCO, Cristhian Magnus De; SANTOS, Paulo Junior Trindade dos; MÖLLER, Gabriela Samrsla. Gentrificação no Brasil e no contexto latino como expressão do colonialismo urbano: o direito à cidade como proposta decolonizadora. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 12, p. e20190253, 2020.

MENDES, Luís. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. **Cadernos metrópole**, v. 13, n. 26, p. 473-495, 2011.

MORAIS, Daniela Xavier *et al.* **Representações sociais de envelhecimento e redes sociais significativas de idosos**. 2017.

MOURAD, Laila Nazem. **O processo de gentrificação do centro antigo de Salvador 2000 a 2010**. 2011. UFBA. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

NOGUEIRA, Greicequerli *et al.* Atividade física e comportamento sedentário como preditores do medo de cair e do risco de sarcopenia em idosos. *Fisioterapia em Movimento*, v. 36, p. e36118, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **World report on ageing and health**. World Health Organization, 2015.

PAÇO, Carlos Alberto Barbosa Leal. **Solidão e Isolamento na Velhice: Um Estudo Realizado na Freguesia da Misericórdia em Lisboa**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

PAES, M. T. D. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **Ge USP – Espaço e Tempo (Online)**, v. 21, n. 3, p. 667-684, dez. 2017. ISSN 2179-0892.

PETROVIC, Ana. The elderly facing gentrification: Neglect, invisibility, entrapment, and loss. **Elder LJ**, v. 15, p. 533, 2007.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. Gentrificação: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1334–1356, 2018. DOI: 10.12957/rdc.2018.31328.

SANTOS, Cláudia Jardim *et al.* The influence of gentrification on the health and well-being of older adults: a qualitative study. **Cities & Health**, v. 8, n. 3, p. 360-373, 2024.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 1, p. 15–31, 2007. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74046.

SMITH, Richard J.; LEHNING, Amanda J.; KIM, Kyeongmo. Aging in place in gentrifying neighborhoods: Implications for physical and mental health. **The gerontologist**, v. 58, n. 1, p. 26-35, 2018.

WILLIAMS, Monnica T. Microaggressions: Clarification, Evidence, and Impact. **Perspectives on Psychological Science**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 3–26, 2020. DOI: 10.1177/1745691619827499.